

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Responsável

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Departamento de História da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas

ANO XI — Nº 94

JANEIRO/MARÇO — 1979

BC - PERIÓDICOS - FUCC
Class. 900/3
Revista: 25/07/79

EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA
(1910 — 1977)

Odilon Nogueira de Matos

Há pouco mais de um ano, precisamente a 21 de novembro de 1977, vítima de brutal atropelamento na Rua da Consolação, em São Paulo, falecia uma das mais expressivas figuras da vida universitária brasileira: **Eurípedes Simões de Paula**, diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, professor de História Antiga e Medieval da mesma Faculdade, fundador e diretor da **Revista de História**, presidente da Associação Nacional dos Professores Universitários de História, membro fundador da Academia Paulista de História e membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no qual se empossara algumas semanas antes de seu falecimento.

A morte o levou em pleno vigor físico e intelectual, quando dele ainda muito se podia esperar, pois completara sessenta e sete anos poucos dias antes, exatamente na data da proclamação da República. Todos os que o conheceram são testemunhas do desprendimento e da dedicação com que se

atirava a todos os empreendimentos que levou a efeito ou a todas as atividades de que participava. Mais que diretor e professor, era um amigo. Difícil encontrar alguém, nos quarenta anos em que esteve vinculado à Universidade de São Paulo, que lhe não seja devedor de alguma cousa, desde a orientação amiga aos jovens estudantes, o conselho nobre e desprendido aos colegas inseguros, até auxílios materiais aos que se mostrassem necessitados. Seu desaparecimento abriu na Faculdade que dirigia e para a qual viveu quase toda a sua existência, um vazio sem igual, difícil senão impossível de preencher. Tive o privilégio de com ele conviver durante quarenta e um anos, ou seja, desde 1936, quando cheguei a São Paulo a fim de pleitear ingresso na então novel Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, para cursar a mesma seção de Geografia e História, que Eurípedes estava concluindo. E como, depois de formados, tanto ele como eu, continuássemos vinculados à Faculdade, nosso convívio não se interrompeu. Durante cerca de oito anos foi diário, quando exerci o cargo de Secretário na mesma Faculdade de que ele era diretor. Aprendi, pois, a conhecê-lo sob todos os aspectos, e ele cada vez crescendo mais na minha admiração, pois tive o privilégio de senti-lo sob ângulos ou facetas que muitos ignoravam.

Pertenceu Eurípedes Simões de Paula à primeira turma da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, constituída quase exclusivamente de pessoas já de formação cultural bem desenvolvida, pois já formadas por outros institutos superiores — Direito, Medicina, Engenharia etc. — que haviam freqüentado provavelmente por não existir na época instituição que lhes ministrasse o ensinamento das matérias para as quais se achavam realmente vocacionados. Eis por que, ao fundar-se a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, pelo mesmo ato que criou a Universidade de São Paulo, em 1934, e ao oferecer o novo instituto universitário, em variadíssima gama de interesses, cursos que pela primeira vez no Brasil eram ministrados em nível superior, tais como a História, a Geografia, as Ciências Sociais, as Ciências Exatas e as Ciências Biológicas, muitos dos que cursavam as escolas tradicionais, mas que não desejavam ser nem médicos, nem advogados, nem engenheiros, ou qualquer outra das atividades profissionais para as quais essas escolas habilitavam, correram à procura da nova Faculdade, ingressando nos numerosos cursos que ela oferecia às mais variadas vocações culturais. Assim, Eurípedes Simões de Paula, que concluía a Faculdade de Direito, mas sem nunca ter-se tornado advogado, preferiu o curso de Geografia e História (na época unidos), pois nas letras históricas estava a sua verdadeira vocação.

Ainda quando estudante, já demonstrava extraordinária dedicação aos calouros que ingressavam para a Faculdade, orientando-os nos seus primeiros trabalhos de classe, inclusive pondo à disposição de todos a sua biblio-

teca, na época já riquíssima, cujos livros circulavam entre os estudantes como se fora livraria pública. Depois de concluído o curso, passou a lecionar na Faculdade, encarregando-se das aulas de História Antiga e Medieval, especialidade na qual realizou toda a sua carreira universitária: o doutorado, em 1942, com a tese “O comércio varegue e o Grão-Principado de Kiev” e o concurso de cátedra em 1946, com a tese “Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade”. Entre esses dois momentos de sua carreira universitária, o “intermezzo” bélico, pois como integrante da Força Expedicionária Brasileira, seguiu para os campos da luta, na Itália, onde permaneceu até o fim do conflito. Regressando ao Brasil, tornou-se sempre dedicado aos “pracinhas”, seus companheiros de “front”, integrando a diretoria da associação que reunia os antigos combatentes, falando e escrevendo sobre a participação do Brasil na guerra, assunto sobre o qual preparava um livro, que seria, dizia ele, sua última obra... Infelizmente o Brasil ficou sem conhecer um dos mais sinceros depoimentos acerca de um dos momentos mais importantes de nossa história. Sua última visita a Campinas, em junho de 1977, foi precisamente para proferir uma conferência sobre a FEB, na Academia Campinense de Letras...

Acompanhei de perto as duas maiores realizações de Eurípedes Simões de Paula: a “Revista de História”, que fundou em 1950, e da qual já se publicaram cento e doze volumes, e o esforço para congregar os professores universitários de História, do país, em simpósios bienais, o último dos quais (o nono) realizou-se em julho do ano passado na cidade de Florianópolis. Estas duas realizações, ainda que outras não existissem em sua folha de serviços, seriam suficientes para credenciá-lo ao respeito e sobretudo à gratidão de todos quantos no Brasil militam nas áreas da História, ou por elas se interessam. A “Revista de História”, de projeção internacional, contribuiu para inscrever o nome de nosso país na bibliografia histórica universal.

O fato de ter se consagrado durante muitos anos à administração, ora da Faculdade de Filosofia, ora da própria Universidade de São Paulo, não o fez abandonar os estudos, como geralmente acontece. Nunca foi apenas diretor. Continuou sempre dando aulas, orientando mestrandos e doutorandos e pesquisando para os trabalhos que, bienalmente, apresentava aos simpósios promovidos pela entidade que dirigia. A eles nunca compareceu, como se diz, de mãos vazias: dando exemplo aos demais, era quase sempre o primeiro a entregar uma contribuição de grande valor, na área afeta ao tema dos simpósios.

Em nossa Universidade esteve diversas vezes realizando palestras aos nossos estudantes, por ocasião das movimentadas e saudosas Semanas de

Estudos Históricos que, por mais de doze anos consecutivos foram realizadas, ao tempo em que tínhamos o curso completo de História; de três dessas palestras, pelo menos, tenho nítida lembrança: sobre a civilização bizantina, sobre a vida universitária medieval e sobre o renascimento do comércio no fim da Idade Média, assuntos todos eles de sua preferência e sobre os quais muito escreveu ou falou, inclusive em diversas regiões do país. Em Campinas, presidiu o Quinto Simpósio de Professores Universitários de História, em 1969, e todos os que dele participaram puderam testemunhar a dedicação sem par com que se consagrava aos empreendimentos dessa natureza. Mais uma vez compareceu em nossa Universidade para prestigiar o Primeiro Congresso de História de São Paulo, promovido pelo Departamento de História em julho de 1972. E em junho de 1977 em Campinas esteve pela derradeira vez, desta feita a convite da Academia Campinense de Letras para, como foi lembrado, proferir conferência sobre a Força Expedicionária Brasileira, assunto que tomou, também, para o seu discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, poucas semanas antes de falecer.

O Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Campinas entendeu de prestar ao grande amigo e mestre uma homenagem ao ensejo do transcurso do aniversário de seu falecimento, consagrando-lhe todo este fascículo da **Notícia Bibliográfica e Histórica**, revista de que ele se mostrou sempre muito amigo e cujo interesse foi dos primeiros a reconhecer, timbrando sempre em ver mérito em nosso trabalho a ponto de transcrever numerosas notas desta publicação nas páginas de sua prestigiosa **Revista de História**.

Após esta nota introdutória, o leitor encontrará:

1 – o discurso do Prof. Dr. Eduardo d'Oliveira França na sessão especial com que a Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo reverenciou a memória de Eurípedes Simões de Paula;

2 – “Eurípedes e a ANPUH”, artigo do Prof. Dr. Raul de Andrada e Silva;

3 – “A Universidade Católica de Campinas e os Simpósios de História”, de autoria do responsável por esta publicação, publicado originalmente no **Correio Popular**, de Campinas, e aqui reproduzido, revisto e ampliado, em memória de Eurípedes Simões de Paula;

4 – “Eurípedes Simões de Paula e a criação do Centro de Estudos Judaicos da Universidade de São Paulo”, artigo do Prof. Dr. Nachman Falbel;

- 5 — “A Revista de História e a Coleção Revista de História, também de autoria do responsável por esta publicação;
- 6 — A bibliografia de Eurípedes Simões de Paula e, finalmente;
- 7 — Uma seleção de escritos de Eurípedes Simões de Paula.

Com este volume, o Departamento de História da Pontifícia Universidade de Campinas procurou assinalar de maneira duradoura o aniversário do falecimento de Eurípedes Simões de Paula e tributar à sua memória, de maneira igualmente duradoura o reconhecimento por quem tanto fez pelos estudos históricos em nosso país.

*

HOMENAGEM DA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO À MEMÓRIA DE EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

No dia 5 de dezembro de 1977 reuniu-se a Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas em sessão especialmente convocada para homenagear a memória de seu pranteado diretor. Presentes à cerimônia, encontravam-se, além da totalidade dos integrantes do órgão máximo da Instituição, pessoas da família de Eurípedes Simões de Paula. O orador designado para falar em nome da Congregação foi — e nem poderia ser outro — Eduardo d'Oliveira França, seu amigo e companheiro de mais de quarenta anos. Após as saudações aos presentes, Oliveira França proferiu a oração que aqui transcrevemos na íntegra:

Vazio está o lugar da cabeceira. Um grande, um imenso e desconsolante vazio em nossa casa grande. Não temos mais conosco o quase-patriarca que, por tantos anos, amorosamente presidiu os destinos universitários de nós todos, num dia-a-dia feito de compreensão e boa vontade. Eurípedes Simões de Paula foi-se embora para não voltar mais. O Eurípedes. Um écran pesado, escuro, fumacento, no trauma de uma perda sem preço, encobre-nos a visão toldada. Ainda não sabemos da saudade porque por momentos queremos esquecer o que aconteceu, esperando vê-lo surgir nos corredores com aquela boêmia “nonchalance” com que cruzava conosco. Parece que ele ainda está aqui.

Aquela cabeça vazia da cabeceira. Outros a ocuparam, outros a ocuparão — por certo com nobreza, mas será ele por muitos anos a referência, a marca de um tempo da história da Faculdade. Tanto a viveu, que nele ela se identificou. Menos pelo tempo em que a dirigiu, do que pela integração total com que o fez.

Essa tristeza opaca que a todos nos envolve, como uma névoa envenenada, não se esbate na lembrança que restitui a presença, sabendo como sabemos que toda a comunidade, como cada um de nós, não o poderemos esquecer. Polarizou nossas vontades, cimentou nosso convívio, inclusive quando a ventania poeirenta da reforma despedaçou nossa antiga e benéfica unidade, a velha escola, e ele soldou alguns fragmentos para que alguma coisa se salvasse na partilha do botim da cidade que se rendia. E a Faculdade de Filosofia, emagrecida embora, continuou mais sua do que nunca.

Agora aqui estamos, ante o gonfalon rasgado do capitão abatido em plena lide. Antes da hora que viria um dia. E sou eu, que recebo amargamente o decanato que era seu, quem, após mais de quarenta anos de convivência universitária, tem, por dever, officiar a cerimônia tristíssima deste momento: o trágico privilégio do cavaleiro mais velho. Sinceramente não sei, não sei senhores, se ele me escolheria a mim para esta missão, para este adeus. Todos sabem o quanto fraternalmente brigávamos. Brigávamos muito, de longe e de perto. Como dois irmãos na corte da mesma namorada: a Faculdade, cujo bem ambos queríamos. Ante os problemas cotidianos, não raro impacientava-se ante minhas interferências, mas em face dos mais grandes estávamos juntos, de braços dados como dois mosqueiteiros. Bons companheiros de jornada. Paradoxalmente, o ciúme nos unia.

Assim, mesmo temendo sua desaprovação, teimo em ser eu a dizer-lhe o adeus de todos para que até o fim seja como sempre: os amigos diferentes que quando concordam têm a impressão de que alguma coisa está fora do lugar. Sob uma condição: não alongar a fala, para não alongar a sessão, tendo a certeza de que neste instante ele sorri complacente. Porque tem dúvida se é por deferência, ou por provocação o que eu digo.

O tema do coração: Lembrar o Eurípides não é lembrar uma obra, e ela foi grande e significativa, mas é antes lembrar um estilo. Um estilo de ser e realizar a vida. A vida com um profundo sentido de comunicação, de vida vivida em comum, de vida partilhada, de vida gasta para atapetar a vida dos outros. Um estilo e uma atitude.

Sua trajetória, todos o sabemos, foi marcada pelo sentido do humano, vendo o homem amigo do homem. Com aquela autenticidade de quem obedece à própria natureza. Era a boa vontade vigilante, espontânea, de quem não sabe fazer de outro jeito. Como ninguém, sabia respeitar o outro, porque, sem derrames de sociabilidade convencional, totalmente descuidado de grifar seus gestos, com o despacho de soldado na caserna, ele via a relação entre os homens, no plano afetivo. Julgava-os, talvez equivocadamente às vezes, porque os via pelo vidro da magnanimidade. Neste sentido, um rousseauiano: os homens são bons, precisam de oportunidade para prová-lo. E procurava propiciar-lhes essa oportunidade. Para depois, raras vezes, zangar-se a extremo ante a decepção, ou continuar esperando a revelação que não chegava, proibindo-se a si mesmo qualquer tomada de contas. Porque teimava em resguardar, como tesouro, o seu otimismo em relação aos homens.

Sua vida realizou-a como a objetivação do serviço ao outro. Sua intenção constante era servir, não tanto à instituição de seu amor, entidade abstrata, insensível, mas aos indivíduos que a compunham. Os homens eram o objeto de seus cuidados: os homens que trabalham, os homens que sentem, os homens que têm aspirações na vida. A ninguém pedia mais do que cada um podia dar. Era profundo o seu respeito pelo outro: chegava a ser excessivo. Porque não pretendia balizar as vidas que o cercavam. Daí a sua receptividade em face das iniciativas: se não exigia, não queria desestimular as vontades, porque para ele, em todas as vontades havia algo de bom que não se devia estorvar. Neste sentido, o coronel dadivoso que nele existia, era de um democraticismo sem cessar, sem parêntesis. Era preciso dar linha para pescar, de cada um, bons resultados: e o melhor resultado, na coordenada humanista que era a sua, era a auto-realização de um por um.

Aqui estava o núcleo de sua visão das coisas, de seu real senso de serviço ao outro. Pode-se pensar que não sabia dizer “não”; na verdade, não queria dizer “não”. E não queria porque seria pedra no caminho de alguma realização pessoal alheia, recusando-se a julgar ou a prejudicar o que era ainda promessa, e as aquiescências eram para todos, com mínima interposição de requisitos prévios. E o crédito que assim abria para quem dele se acercava não tinha prazo. Ele esperava sempre, indefinidamente, porque esse crédito não era dado pelo raciocínio frio, pelo balanço das probabilidades, mas pelo coração que via o outro à sua imagem e semelhança, e acreditava, acreditava — não calculava — que sempre podia esperar, não raro, racionalizando afetivamente patentes decepções. Racionalizava, na sua oceânica boa vontade, para poder continuar esperando. E para ter razão em confiar nos homens.

Um coração ao mar, “no mar imenso da vida”, realizando o seu projeto de equacionar viver com fazer, e fazer com servir. Todos conhecemos sua volúpia em “quebrar galhos”, os galhos dos outros; e quem, nesta Faculdade, ao fim de algum tempo, não lhe ficou devendo algum benefício? Benefícios que distribuía com indistinta liberalidade. Gostava de sentir o humano, mais no concreto da pessoa que os recebia, do que nos benefícios impersonalizados, de caráter geral. Sua inquietação estava em dar com endereço certo, e sofria quando não podia, por razões mais fortes que sua vontade, atender ao que se lhe pedia. O que não quer dizer que não usasse, de quando em quando, um “não” de inércia, um “não” inexpressivo, um “não” punitivo, um “não” de castigo, e até um “não” de represália. Praticava a dosagem das expectativas: a inteligência da valorização do “sim”, por contraste, como estimulante.

Animar vocações, acelerar carreiras: o seu gosto era oferecer oportunidades de afirmações individuais. Gostava, com um empenho a toda prova, das publicações. Um dos seus cuidados foi equipar a Faculdade de condições para promovê-las. Mas, ao contrário da maioria em situações semelhantes, não cogitava de se auto-publicar; queria antes publicar as produções dos outros, para asfaltar-lhes o caminho das promoções acadêmicas e para crédito de produtividade da Escola como um todo.

Por certo gostava humanamente do poder, mas esse poder para ele era a condição para servir melhor, sentindo que na ascensão dos demais que assim podia propiciar, a si mesmo se realizava como vida útil, ainda, forma de testar sua crença nos homens, vendo-os fazer frutificar as oportunidades que lhes oferecia.

Esse programa fazia-os amigos de todos; desconcertava-se quando uma crítica ou uma oposição mais pronunciada se erguia. Os amigos apóiam os amigos: resistência só podia significar incompreensão. Quanto era difícil convalidar a todo instante e sua tese de que todos os homens são potencialmente bons e positivos, e merecem, sem discriminação, iguais responsabilidades, ou que deles todos se pode esperar algo, indefinidamente!

No fundo, Eurípedes era demasiado professor; desses impenitentes professores que esperam de todos os alunos indistintamente, e que dispensam particular solicitude justamente àqueles que mais precisam de professor. Sua alma de professor viu nos homens, para sorte nossa, alunos que confiam no mestre, e o mestre tem o compromisso de bem merecer essa confiança.

A docência como serviço: Não sei como Eurípedes descobriu sua vocação docente. Aluno-assistente de Braudel, assistente de J. Gagé, compre-

endeu a assistência no estrito sentido da palavra: havia de assistir de fato, a cada passo, ao professor e aos alunos. Tem-se perdido, na maré das vaidades precoces, aquela linha, nobre e fecunda, da assistência, vista como serviço e como colaboração, visando ao ganho de experiência, no desempenho de uma tarefa de co-participação realmente significativa graças a uma vontade sem reservas de dar, cada um, o seu préstimo. Simões de Paula, com o seu trabalho, nos dotou, pelos anos depois, de uma excelente coleção de mapas, praticamente os únicos que até hoje temos, e das admiráveis apostilas de Jean Gag e, que de tão boas não se desatualizaram tantos anos depois.

Assistente, assistente-modelo. Lembro-me bem de um dos conselhos de Braudel, recomendando-me que, na d vida sobre o comportamento certo, olhasse para o que fazia o “Eurípedes”. Era uma referência, era uma carta de crédito.

De volta da Itália, fez o seu concurso de cátedra, ainda não esfriado da influência de Pirenne que lhe instilara Fernand Braudel. Ei-lo agora com sua banqueta famosa que amparava suas trabalhadas fichas de aula, com seus mapas e sua alegre disposi o de ensinar, transitando para as aulas, com aquele senso de responsabilidade docente, um pouco ing nuo talvez, mas de uma sinceridade a toda luz, que nunca o abandonou.

Como professor se via a serviço dos alunos, cujos problemas sentia como se fossem seus problemas. O cora o levava-o a se pôr sempre no lugar deles, ansiosos de promo o. O Eurípedes nunca soube dar notas — ou será que soube muito bem? — pois sua humana complacência preferia acudi-los a julgá-los. Fariam no futuro, quando mais responsáveis e conseqüentes, aquilo que não estavam fazendo agora. Confiava neles, em suas virtualidades,   espera de florescimento. Por isso era um refúgio. O protetor que todos buscavam, ainda e sempre um cora o em atividade, amenizando as vidas em começo, amaciando as tensões com uma benevolência que, para chegar, não esperou a idade do av .

Sempre gostou de suas classes, até nos tempos mais recentes, quando elas tudo fazem para serem desamadas. Não sei se veio a sofrer com as intolerâncias e displic ncias dos últimos anos, pois nunca o vimos, em conversas ou em conselhos, queixar-se com amargor das atitudes dos alunos, dos seus alunos em classe. De nenhum pretexto — tendo-os tantos — aproveitou-se para distanciar-se das aulas. Não descontou os encargos administrativos   custa da docência. Em nenhum momento, por este ou por aquele motivo, afastou-se de

seus alunos, porque queria ser, mais que tudo, professor. Professor de História, quando se sentia a serviço da História e dos jovens postulantes que ele sabia precisarem dele. Professor e diretor, o cruzamento das atribuições lhe permitia servi-los melhor, ora ensinando e aconselhando, ora resolvendo problemas de situações escolares, quando não pessoais.

Sua visão da docência espontaneamente ultrapassava os horizontes das salas de aula. Como catedrático, e depois, várias vezes, chefe de Departamento, seus veteranos, a constelação de assistentes e auxiliares de ensino, eram objeto de solicitude. Com insistência instigava-os a avançar na carreira, ao mesmo tempo em que multiplicava as ofertas de oportunidades de enriquecimento de currículos. Reclamava a presença de comunicações nos certames e congressos, e propiciava-lhes a publicação de resultados. Cada um por sua conta, com plena liberdade de fazer e criar, porque, por experiência própria eu sei, o Prof. Simões deixava o campo livre, e orientar, para ele, estava muito longe de qualquer tutela de pensamento. Mais orientava a vida, os procedimentos, do que cada pesquisa. Ainda e sempre, o tema da confiança nos indivíduos.

Essas posições do espírito tiravam ao seu ensino qualquer eiva de dogmatismo. Não impunha as suas verdades sem remédio, em História, sem atormentações teóricas. A História era algo que era bom, que era gostoso saber porque proporcionava o espetáculo do humano ao longo do tempo. Sem macerações críticas, ele contava o que sabia, aprendido na sua bela e caprichada biblioteca. Bom saber, bom fazer. Bom, como uma convivência encantada: e essa convivência era o seu convite. Maneira de fazer-bem aos que o cercavam para aprender, e para aprender e fazer bem.

A História como crença. Diante da História, ainda era um impulso afetivo que, sem desbordamentos, o impulsionava. Sem maiores inquietações, sem idéias teorizantes e sinuosidades de equações metodológicas, sabendo-se bem armado com sua iniciação na orientação dos **Annales**, herdeiro de excelentes mestres e contagiado de boa convivência intelectual, a História era, para Simões de Paula, uma espécie de amor, ao qual se abandonava sem aquelas desconfianças que germinam dúvidas.

Sendo um amor, era também, em consequência, um compromisso. Devia servi-la, servindo principalmente à corte dos que a ela se dedicavam, alargando sua clientela, sua corte. Não se tratava de declamar sua excelência, mas de promover essa excelência no Brasil. Aqui temos de encontrar o sentido de sua atividade na **Revista de História**, no **Centro de Documentação**, na **Associação dos**

Professores Universitários de História e nas várias comissões de que fazia parte. Onde o serviço a essa patroa — a História — rendia também um serviço à Escola de sua eleição.

A **Revista de História** é pouco mais criança que seu tempo de vida intelectual. Era o grande patrimônio de sua vida, muito sua, ciosamente sua. Ela o tiranizava como um vício bom. Quantas vezes, na efervescência de problemas da Faculdade, íamos encontrar, na Diretoria, o Eurípedes debruçado sobre provas tipográficas da revista, como se no mar só houvesse o ameno balanço dos marulhos. A **Revista**, esse milagre que só podemos entender como prêmio a uma dedicação sem-par. Essa orgulhosa alegria do centésimo número com colaborações escolhidas. Ele, só ele poderia conseguir, sozinho quase, ao longo de tantos anos, com quantos sacrifícios, realizar essa duração: 1 950 — 1 977.

A serviço da História, a **Revista** era uma armadilha para conquistar adeptos, num silencioso proselitismo. Catequese discreta. Fogueira acesa para aquecer vocações. Muitos traziam lenha, mas era ele quem mantinha vivo o fogo. Grande História? Nem sempre: tinha a astúcia de se contentar com a História possível. Nem tudo eram jóias na casa de gente pobre. Muito poucos, ao longo da historiografia no Brasil, terão feito tanto por ela.

A **Revista** era um instrumento de poder — esse poder que se traduzia num programa de produtividade para tantos, para todos os aspirantes a uma carreira nas ciências humanas. Porque a **Revista** era um campo aberto para a comunicação dos que a buscavam. Era algo mais que o Eurípedes podia dar, com tanto maior largueza, porque a pretexto de interdisciplinaridade, fazia com que a revista não fosse privativa dos historiadores, podendo assim acolher maior número e acudir valores que despontavam em muitos campos. Sem compromissos com determinadas orientações filosóficas ou historiográficas, sem exclusivismos, sem dogmas, sem máscaras, ela representava, ao gosto do espírito de seu diretor, uma realização extrema do princípio da oportunidade para todos. Dos grandes, muito grandes, aos pequenos que ainda engatinhavam.

No gosto de proporcionar louros para a História, essa greco-romana do seu encantamento, fazia dela uma espécie de arsenal onde se fundiam armas para escudeiros e cavaleiros que se apresentavam para as lições da carreira do magistério e da cultura. E a tudo se juntava o prazer bem seu de poder distribuí-la liberalmente esquecido dos sucessivos **deficits**, que a sua custa havia de cobrir. Consequia assim gerar de seu orgulho de criador, um orgulho de todos nós, mesmo daqueles que, como eu próprio, tão nada colaboramos para

sua grandeza. No fundo, respeitávamos ou temíamos o seu ciúme de fazê-la sozinho, cercado apenas de uns poucos colaboradores diretos, de sua escolha.

A par da **Revista** anos depois, com a ajuda que obtive da FAPESP, criou o **Centro de Documentação**. Outra coisa muito sua para serviço da História, e de quantos a ela queriam-se achar. Sabia e sentia a necessidade de preservar e organizar esta seiva da História que é a documentação. Já nos congressos anuais da ANPUH nos impunha ouvir, e ler depois nos Anais, longos e cansativos levantamentos de arquivos locais que desinspirados curumins da História realizavam, não sem mérito aliás. Eurípedes, que, por certo, estava longe de encantar-se com vilegiaturas em arquivos, e que pessoalmente, creio, não sentia a volúpia do manuseio de documentos encardidos, entendia sua essencialidade para o ofício do historiador. Essa matéria-prima que desencadeia as visões do passado, de cuja iluminação brotam as compreensões do romance do humano no tempo. Sem gostar de documentos, para servir, para prover a dispensa dos historiadores e dos aprendizes de historiador, ele promoveu o **Centro**, e sempre quis dirigi-lo pessoalmente pelo desejo que tinha de poder oferecer, ele próprio, novas condições de trabalho. Com espírito semelhante, associou-se à iniciativa da criação do **Museu de Arqueologia**; e mais além, a colaboração que emprestou à organização do **Instituto de Pré-História**.

Essa crença na História, esse proselitismo intensamente militante, o levava a tornar-se amorosamente possessivo. Possessivo em relação às agências para servir à História, àqueles que queriam viver e pensar à sombra dela. Paradoxal que a possessividade fosse o antídoto do exclusivismo, do egoísmo. Defendia suas posições de servir aos outros. E a gente acabava por se acostumar à idéia de que sem ele, nada disso iria avante, porque nele residia a flama e a pertinácia nos propósitos. A confiança que distribuía, muitas vezes de graça, gerava a confiança em sua dedicação, e a gente descansava no seu comando.

Foi assim que por tantos anos tornou-se o presidente, quase vitalício, mercê de reeleições, da Associação Nacional dos Professores Universitários de História e da Sociedade de Estudos Históricos, ordenando e mobilizando a grande e displicente família dos historiadores. Acreditava ele que não bastava pesquisar e escrever história. Era preciso conversar. Conversar e conviver. A História como resultante do esforço conjugado. Não teorizava: entregava-se às canseiras da organização dos simpósios, dos ciclos de estudos, em andanças por todo o lado. Deu vida à ANPUH, e recusou-se a deixar morrer a Sociedade de Estudos Históricos, herança dos tempos do Professor Jean Gagé, mesmo sabendo-a agora uma duplicação pouco viável.

A publicação dos Anais da ANPUH foi sempre um capricho, porque era um prêmio que ele podia dar aos participantes, mesmo convencido de que certos trabalhos, numa filtragem de mediano rigor, mereciam a caridade do esquecimento. Era fiel a si mesmo: a participação tinha que ser para todos, e os fracos, com essas vitaminas estimulantes, acabariam fortes, e a História sairia ganhando. Hoje, meio desnorteados, todos perguntamos: sem o Professor Eurípedes, sem o presidente Eurípedes, que será da ANPUH ?

Esta mesma linha de atividades, a serviço da História e dos historiadores, o levou aos Conselhos de defesa do patrimônio histórico, gastando seu tempo ainda e sempre na mesma militância. E esse tempo, incrivelmente fecundo, ainda lhe sobrava para fugir para o Exterior, sempre a convite, para ver os movimentos da história de outros povos, de outras civilizações, do Ocidente ou do Oriente.

Política sem políticas e comando sem comandos. Prometi ser breve, e vou esquecendo, mas uma vida tão densa de serviços, mesmo higienizada esta fala da tentação das reminiscências, é inimiga da síntese. Há porém outro aspecto, entre muitos que ficarão omissos, que não pode ser deixado de lado, principalmente porque diz respeito ao que pôde sentir o maior número dos aqui presentes: O Professor Simões de Paula, administrador da Faculdade, o “capitão” da hoste.

Por muitos anos, por nossa vontade foi nosso diretor, presidiu aos destinos da Faculdade. E entre os títulos que possuiu para bem merecer essa confiança reiterada estava o seu vigilante amor a esta nossa aldeia, a esta nossa tribo, da qual foi guerreiro e era pajé. Longos anos. Muita gente ouviu dizer: “quando entrei aluno, era Eurípedes o diretor; agora docente, o diretor é o Eurípedes”. Assim foi: a Faculdade, com todo o seu compromisso democrático, mercê de eleição e reeleições, engendrou o seu “coronel”, a autoridade de fato, mais que consentida, procurada. Isto se chama confiança.

Não sei se muitos se detiveram a pensar o quanto o nosso perdido Eurípedes era político. Político à mineira, com a matreirice de quem não quer, conquistando as vontades, vergando docemente as resistências. Ele queria o posto para a santa vaidade de melhor servir.

Hoje em dia, a mentalidade política insiste numa simplificação classificatória: direita e esquerda. Quem não está de um lado, para a opinião corrente, está do outro. Ora, ninguém se lembrava de inscrever o Eurípedes em uma ou outra banda. Direita ? Esquerda ? o Eurípedes parecia pairar acima

dessa classificação simplista. Como se dissesse: “a etiqueta importa pouco, digam-me o que há de bom a ser feito, de um lado ou de outro, e podem contar comigo”. Sem intransigências, sempre em benefício da Faculdade, ou melhor, de seus componentes, sem maiores diferenciações. Uma espécie de getulismo sublimado. Isto porque políticas não digeriam o seu tempo, sua política era o governo da unidade sob seu comando e defesa.

Ele sabia, como ninguém, desarmar as eventuais prevenções, com sua naturalidade, usando o poder como instrumento de bem servir. A tônica da boa vontade, da compreensividade sem propaganda. Tudo fluente. Aquela ausência quase cabocla de formalidade que se traduzia numa quase intimidade partilhada. A sala aberta. O atendimento meio distraído nos corredores, nas escadas; de passagem, um “não tem problema”. Igual, igual para todos, graúdos e miúdos. Uma faixa larga de desierarquização nos procedimentos. E a constante inspiração da benevolência, da aquiescência, sempre engatilhado o “sim”, ou com muito pessimismo, o “talvez”.

Político? Sim. O político nato, natural, nunca ensaiado, porque tinha o sentido da comunicação humana, sensível às dificuldades dos outros. Sendo assim, quando precisava negar, quase ninguém acreditava que poderia ter concordado e que não o tivesse querido fazer. Por amor aos seus subordinados, o que dizia, de certo ou de menos certo, resultava ser geralmente aceito, sem resistências.

Apesar de sua experiência militar, quando, sabemos, foi muito estimado por seus soldados, sabia comandar sem constranger. Comando sem mando. Coronel sem mandonismo. Sim, administrar, dirigir é difícil: aquele fio de navalha entre o autoritarismo e a diluição da autoridade no abandono à rotina, no deserto da iniciativa, na autofagia da burocracia digestiva. Essa arte de conseguir sem pressionar, de fletir sem quebrar, a sabedoria de quem conhece a maestria da regência.

Eurípedes conseguiu ano após ano, raramente zangado para valer, às vezes, magoado bastante para uma queixa agressiva, quase destemperada, conseguiu ser mais que respeitado, benquisto. A impor, preferiu envolver, aprisionar, ou simplesmente contemporizar para amenizar os ímpetos iniciais.

E nessa constante de sensibilidade para com as aspirações dos outros, preferindo a reticência evasiva à negativa sem alternativa, soube a arte de deixar fazer, de animar as iniciativas de cada um, não raro aderindo a elas. E

assim, o humano se expandia como gás aquecido, sob a benevolência compreensiva de sua sabedoria política. Aos que queriam fazer, acreditando no mérito da ação bem intencionada, abria caminho, caminho para que cada um a si mesmo se encontrasse.

A Faculdade foi o tema de sua vida: com ela se identificou. Por ela viveu numa comunhão de aspirações. Serviu com fidelidade à Universidade, na qual exerceu altos encargos com seriedade e dedicação, essa Universidade que valia muito porque era a moldura que cercava a Faculdade, esta, a sua ternura confessa.

Agora que ele se despediu, certo, a Faculdade, no imenso vazio que deixou, continuará a ser sem ele. Mas todos sabemos que, com ele, um ciclo de sua história se fecha. E que a melhor forma que nos resta de bem guardar a lembrança do tanto que a amou é lutar ainda para não desmerecer a herança, e preservar sua unidade e nobreza. De onde está, por vontade de Deus, onde nos ouve na meia voz da saudade, certo, ele espera que a Faculdade que continua, tudo fará para que o dom que a ela fez de uma existência inteira de dedicação, não tenha sido vão, para uma obra frustrada. Temos, senhores, que resguardar o legado que nos deixou, de sua inteligência e de seu coração.

E por último, neste preito de fidelidade a ele e a tudo quanto mais amou, queremos em nome desta Congregação, expressar aos seus entes mais queridos, — dele, que tanto soube esbanjar sua afetividade —, o quanto a tristeza comum nos une. A seu bom pai que no-lo deu, à esposa, a nossa Maria Regina, que com ele viveu a vida do lar e a vida de nossa Faculdade, e a seus filhos e parentes, dos quais tanto tempo de convivência com ele tomamos para nós, a expressão sentida de nossa solidariedade na dor, e de nossa fidelidade na lembrança, lembrança que o tempo não apagará nesta Escola a que ele dedicou a vida, e que agora lhe dará vida em sua história. Este adeus na vida é um “seja bem-vindo” nesta lembrança, bem-vindo na história a que serviu, e que agora o servirá para sempre.

*

EURÍPEDES E A ANPUH

Raul de Andrada e Silva

A todas as iniciativas que tomava, tinha Eurípedes Simões de Paula o condão de comunicar a carga vital que sempre o animou, em tudo que